

Mudança no governo não explica, confunde

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A cada dia que passa o governo consegue ficar pior do que na véspera. Parece pátar sobre as decisões tomadas no Palácio do Planalto o espírito daquele célebre animador de televisão, o que não vem para explicar, mas para confundir. Tomem-se os acontecimentos de segunda-feira e ontem.

Não ia ser criada a Comissão de Assessoramento Presidencial para a Negociação da Dívida Externa. O ministro Dilson Funaro era contra, preferia centralizar os entendimentos. De repente, depois de se despedir de Sarney, pois viajaria à noite para os Estados Unidos, o titular da Fazenda deu a notícia: a comissão estava composta, dela fariam parte as principais autoridades ligadas à política econômica, inclusive ele, como presidente, mas... Mas a principal figura, na condição de embaixador extraordinário para assuntos da dívida externa, seria o ex-chanceler Saraiva Guerreiro.

Surpreenderam-se todos, com a nítida impressão de que o presidente da República, numa noite de insônia, tivesse ido ao sótão abrir o baú de roupas velhas para retirar dele um figurino em tudo e por tudo ultrapassado. Porque, em matéria de renegociação de dívida, Saraiva Guerreiro não possui a menor experiência. Estava posto em sossego, embaixador aposentado que é, instalado na orla marítima do Rio de Janeiro. Com toda certeza, surpreendeu-se também, tanto que pediu tempo para pensar. Desde o final do ano passado deixou o serviço ativo da "arrière", encerrado sob o sol de Roma, onde foi embaixador. Como chanceler, se não passou em brancas nuvens, também não sobressaltou. Costurou algumas crises políticas, a principal delas durante a guerra das Malvinas. Empurrou o Brasil ainda mais na direção do Terceiro Mundo. Mas jamais participou de entendimentos e negociações econômicas. Delfim Netto não deixou, durante todo o tempo em que comandou a economia, no governo João Figueiredo.

Pois não é que de repente surge Saraiva Guerreiro como a peça salvadora, o embaixador extraordinário que fará os credores do Brasil curvar-se à moratória e liberar montanhas de dinheiro novo para financiar o nosso desenvolvimento?

Positivamente, não dá para entender. Desarruma-se ainda mais o processo já desarrumado, tendo o toque jocoso sido dado pelo ministro Funaro, ao informar que continuará o chefe das negociações: "Eu viajo nos momentos necessários e deixo a comissão discutindo". Os demais integrantes, todos conhecidos, são: Francisco Gros, presidente do Banco Central; embaixador Francisco Thompson Flores, subsecretário-geral para assuntos econômicos e sociais do Itamaraty; Adroaldo Moura

da Silva, vice-presidente de recursos e operações internacionais do Banco do Brasil; Carlos Eduardo de Freitas, diretor da área externa do Banco Central; Antonio Pádua, Seixas, diretor para dívida externa do Banco Central; Luiz Gonzaga Beluzzo, secretário especial de assuntos econômicos do Ministério da Fazenda; embaixador Alvaro Alencar, coordenador de assuntos internacionais do Ministério da Fazenda; e Luis Augusto Castro Neves, subchefe de assuntos econômicos do Conselho de Segurança Nacional.

O grupo pode estar para a dívida externa mais ou menos como a turma de sir Percifal estava para o Santo Graal, ou, no reverso da medalha, pode parecer o Exército Brancaléone em busca do litoral da Palestina. Dará tudo na mesma. O embaixador Saraiva Guerreiro nada acrescenta às perspectivas de solução da crise, antes complica a equação. Negociadores existem, ligados à área das finanças e da economia, com tempero para todos os gostos. De Walter Moreira Salles a Mário Henrique Simonsen, de Celso Furtado a Olavo Setúbal, Eliezer Baptista, o próprio Marcílio Marques Moreira, acumulando negociações com a Embaixada do Brasil em Washington, e quantos mais? Fica difícil, assim, prospectar por que se dará ao ex-chanceler encargo para o qual ele não está preparado, não tem gosto e, dificilmente, obterá sucesso. Será o maior prejudicado, em termos pessoais.

Pretenderia Sarney, atirando no que vê, matar o que não vê? Porque a maior ligação política de Saraiva Guerreiro é com o general Octávio Medeiros. São concunhados. A nomeação de um visaria calar a boca do outro, numa hora em que o ex-chefe do SNI ensaiou críticas à Nova República?

Ou desejaria o presidente esgotar de uma vez por todas o exaustivo elenco capitaneado pelo ministro Dilson Funaro, para daqui a 30 ou 40 dias passar o apagador na pedra e começar tudo de novo? Se for isso, melhor receita não há, mas são do chefe do governo, em entrevista recente, as considerações de que não nasceu para Maquiavel. Tenta acertar, como disse, com a natureza das coisas. Só se a natureza mudou.

Pergunta-se agora como fica o PMDB, ou a parte dele submissa aos desejos e interesses do deputado Ulysses Guimarães, sustentáculo de "Funaro e Cia." Saraiva Guerreiro não será, propriamente, um negociador integrado no espírito e na doutrina do partido. Da ala mais à esquerda do PMDB já se ouvia, ontem, indagações críticas, somadas às anteriores que não aceitam o engajamento com o ministro da Fazenda. Por que não convocar Roberto Campos para renegociar a dívida? Ou, em se tratando de ministros do governo passado, por que não Delfim Netto, Ernane Galvães ou Muriilo Macedo?

C.C.